

**GRAHAM ALLISON (2021)
DESTINADOS À GUERRA - PODERÃO A AMÉRICA
E A CHINA ESCAPAR À ARMADILHA DE
TUCÍDIDES?**

João Tavares

tavares.joao@outlook.com

ORCID: 0000-0002-3764-8797

DOI: <https://doi.org/10.34628/3hkn-1n88>

Recebido: 13.03.2023

Aprovado: 14.06.2023

Graham Allison¹ é fundador da *John F. Kennedy School of Government* da Universidade de Harvard e da *Belfer Center for Science and International Affairs* da mesma instituição universitária, onde continua a lecionar e a investigar até ao presente momento. Nos intervalos da sua atividade académica, o autor serviu sob cinco administrações republicanas e democratas.

É autor da obra *Destinaados à Guerra - Poderão a América e a China Escapar à Armadilha de Tucídides?*, que recentemente foi traduzida em Portugal, sob a chancela da Gradiva Publicações, na qual volta a apresentar, numa forma expandida, o conceito de Armadilha de Tucídides, que já tinha sido introduzido no seu ensaio² em 2015.

O conceito em questão tem origem no nome do historiador grego Tucídides que narrou os eventos da Guerra do Peloponesso, que decorreram durante o período da Antiguidade Clássica, nomeadamente na Grécia Antiga, no qual a ascensão de Atenas representou uma ameaça à hegemonia espartana.

De acordo com Tucídides, o principal motivo para a eclosão do conflito foi o crescimento do poder ateniense e o receio que este despertava na Cidade-Estado de Esparta, que com o passar do tempo se agravavam as tensões entre si, ao ponto de ambas potências organizarem o seu próprio sistema de alianças, a Liga do Peloponesso e a Liga de Delos, em defesa dos seus interesses comuns.

Os antecedentes históricos como o rancor entre as duas cidades-Estado, que durava desde as guerras persas, e a provocação de conflito de interesses entre as duas pólis, contribuíram para os seus próprios aliados fazerem pressão sobre as potências hegemónicas dominantes na respetiva esfera de influência, como foi o caso de Corinto que pressionou Esparta para que esta declarasse guerra contra Atenas, de forma a eliminar preventivamente a

ameaça ateniense.

Graham Allison demonstra que, por detrás dos eventos que conduziram ao conflito armado, sempre existiram tensões estruturais mais profundas, e que essas tensões permitem compreender o conflito entre as grandes potências ao longo da História, como aviso para o futuro. Na sua ótica, a escalada ou não escalada para o recurso do uso da força é definido pela existência de várias variáveis, desde os vetores estratégicos até aos processos de tomada de decisão³.

Na sua obra, Allison analisa o porquê de várias potências em ascensão acabarem em guerras com potências hegemónicas estabelecidas e porquê que existem outros casos nos quais não houve conflito armado entre potências.

O autor encontrou 16 casos nos últimos 500 anos em que a ascensão de uma nova grande potência interrompeu a posição da grande potência dominante.

Em 12 dos 16 casos que ele apresenta, terminaram em conflito direto entre as duas potências hegemónicas como por exemplo, o caso da rivalidade entre a França e o Império dos Habsburgo na primeira metade do século XVI; e o caso do Império Alemão numa fase de rápida industrialização que ameaçava o domínio imperial da Grã-Bretanha no final do século XIX e no início do século XX, cujas tensões contribuíram para a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Nos restantes casos ocorreu uma transição de estatuto sem conflito direto como foi o caso da rivalidade entre Portugal e Castela, durante o século XV, e o fim da Guerra Fria entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas

³ Graham Allison é coautor da obra *The Essence of Decision*, que não tem tradução em português. Este livro diz respeito à crise dos mísseis de Cuba em 1962, na qual os autores analisam, de forma minuciosa, o complexo processo de condução de crises diplomáticas, e verificam de que maneira os fatores organizacionais e pessoais são decisivos para explicar soluções escolhidas. Ambos autores acreditam que a estrutura de poder de um Estado é o ponto de partida para se compreender o porquê de certas situações degradarem-se em conflitos armados e outras não. Ver ALLISON, Graham T.; ZELIKOW, Phillip. (1999). *Essence of Decision : Explaining the Cuban Missile Crisis*. New York: Pearson.

Soviéticas (URSS), por exemplo.

Passando para a atualidade, temos vindo a assistir à ascensão da República Popular da China (RPC), o que constituiu uma ameaça ao poder hegemónico da superpotência mundial dominante, os EUA, principalmente devido à rota de colisão entre os interesses de ambos Estados na arena internacional.

Por um lado, Allison entende que o confronto militar entre EUA e RPC é possível, mas por outro lado, aceita que o mesmo pode ser evitável, conforme as lições que a História apresenta sobre o mundo anárquico marcado pela competição entre as grandes potências, quer seja uma rivalidade económica, quer seja por questões geopolíticas, ou mesmo que seja por divergências ideológicas, que os Estados hegemónicos dominantes podem gerir as relações com os seus respetivos rivais.

Deixar uma rivalidade degradar-se para o patamar da guerra é lamentavelmente fácil, de acordo com o autor, que recorre ao historiador Paul Kennedy, para demonstrar que Londres e Berlim consideraram o seu confronto militar de 1914, como uma continuação do que já vinha acontecer nos últimos vinte anos, no qual existiram erros de cálculo político e vários incidentes contribuíram para intensificar as tensões existentes entre ambos Estados.

A rivalidade do momento entre os EUA e a RPC se encaixa neste cenário, uma vez que em ambos países, surgiram convulsões populistas abalaram a política interna e desafiaram o propósito histórico do Estado rival, contribuindo desta forma para conflito de interesses entre Pequim e Washington em relação a questões como comércio mundial, uma disputa sobre Taiwan, um conflito na península coreana, ou um diferendo no mar do sul da China, provocado por uma terceira parte, por exemplo.

A operação anticorrupção lançada pelo presidente Xi Jinping, a intensificação do nacionalismo chinês, e a política de contenção *COVID Zero* levada a cabo por Pequim, assim como doutrina de política externa dos EUA, *America First* do presidente Donald Trump e a continuação política de contenção chinesa pela Administração Biden, se encaixam nesse mesmo padrão histórico, no qual Allison nota que ambos Estados têm complexos de superioridade.

dade extrema, uma vez que os EUA acreditam que a sua acumulação de poder é legítima, e pretendem defender a manutenção do *statu quo*. A China, por sua vez, acredita que tem direito a ter uma palavra a dizer sobre a tomada de decisão sobre os assuntos mundiais, principalmente aqueles que dizem respeito à região da Ásia-Pacífico.

Um dos pontos fortes da obra de Graham Allison é a restauração da teoria do Choque de Civilizações do Samuel Huntington⁴, menosprezada na década de 1990, porém, tem vindo a adquirir um novo impulso cada dia que passa. Allison, alinhado com Huntington, defende que o mito ocidental de valores universais é inimigo das outras civilizações, dando particular destaque à civilização confucionista chinesa, uma vez que a RPC possuiu propósitos diferentes dos EUA, assim como existem diferenças culturais entre si, pelo que os dois países podem não reagir da mesma forma às provocações, o que torna o relacionamento mais difícil de gerir, devido ao risco de exacerbar as tensões entre si.

Para o autor é possível evitar um confronto direto, atribuindo primazia ao diálogo como foi o caso das relações entre os EUA e a URSS durante a Guerra Fria. Num ambiente pós-Guerra Fria, os EUA têm de abrir negociações com Pequim, de forma a acomodar algumas das suas exigências, ao mesmo tempo que, em conjunto com os seus aliados, devem condicionar o comportamento chinês. É inegável que as próximas décadas serão mais difíceis de interpretar do que as últimas.

Este livro já foi objeto de leitura pela cúpula do Partido Comunista Chinês, tendo o próprio Presidente Xi Jinping manifestado preocupação com a possibilidade de haver uma guerra, e ao mesmo tempo, demonstra uma maior compreensão chinesa sobre o pensamento ocidental. Resta saber, se a elite política de Washington está atenta às mesmas lições da História e quais são as lições pretende aplicar para os dias de hoje. O mesmo é válido para Portugal e aos restantes Estados europeus.

⁴ Huntington, Samuel P. (1999). *O Choque das Civilizações e a mudança na ordem mundial*. Lisboa, Portugal: Gradiva Publicações

Apesar do título, a obra de Allison está longe de afirmar a inevitabilidade de uma guerra entre as duas superpotências, mas sim contribuir para uma reflexão sobre os fatores que podem levar à guerra e qual seria o caminho para evitá-la.

Será que uma rivalidade entre Washington e a Pequim precisa mesmo de terminar num conflito armado? Só o tempo o dirá.